

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		2 de 28									

a completa desintegração dessa sociedade mais antiga como consequência da chegada dos povos falantes de indo-ariano, supostamente superiores. Apesar disso, o conhecimento e a compreensão desse período ainda é muito limitado e responsável pelo que talvez seja um dos mais controversos debates acadêmicos da atualidade, a saber, a questão da difusão das línguas indo-europeias e da origem dos indo-europeus (ver Day 2001).

A segunda fase, o período Védico Tardio, data de c. 1200-1000 a 600 a.C. e foi marcada por um deslocamento e uma expansão em direção ao leste rumo ao Vale do Ganges. Essa mudança aparece associada a um novo padrão de assentamentos, acompanhado de um aumento lento e equilibrado da manufatura e uso de instrumentos de ferro. Em termos arqueológicos, as causas dessas mudanças ainda são objeto de discussão: inicialmente, parece ter havido um período de desertificação no Vale do Indo, possivelmente, associado à mudança ou ao desaparecimento do curso de alguns rios, que podem ter causado uma desestabilização e, conseqüentemente, uma pressão que teria favorecido a mudança populacional e dos assentamentos para a bacia gangética. Nessa época, a produção de objetos em ferro possibilitou o desmatamento de áreas de floresta nas planícies aluviais dos atuais estados do Punjab, Haryana e Uttar Pradesh que, por sua vez, permitiu o plantio de subsistência e criou as condições necessárias para o crescimento da população. Esse período assistiu ao desenvolvimento de uma sociedade de etnias múltiplas, na qual os indo-arianos, ou seus descendentes, formaram grupos de elite – as chefias –, que dominaram a população em proporções crescentes (ver Erdosy 1995).

Num terceiro estágio, que se estendeu entre c. 600 a.C. e 300 a.C., observa-se o surgimento de formações urbanas, distribuídas principalmente ao longo da bacia gangética. As evidências arqueológicas apontam para um número crescente de assentamentos no Vale do Ganges e para o aumento dimensional desses centros, associado a crescimento contínuo da população. Nesse período, também se verifica uma grande revolução na produção agrícola com a introdução de novas técnicas de plantio, que estendeu o espectro da agricultura e transformou uma plantação de monção em um cultivo também de inverno ou mesmo de três estações (ver Sharma, 1983). Essa mudança foi certamente um dos principais fatores para o aumento rápido da população. Nessa paisagem, surgiram as primeiras grandes cidades, frequentemente marcadas por uma fortificação e o controle de uma área de assentamentos agrícolas de menor porte. Esses conjuntos de cidades fortificadas e assentamentos periféricos constituíram os chamados *janapada* – ou cidades-estado. Esse é o período dos

dezesseis grandes Estados – ou *mahajanapada* –, que são mencionados nas fontes textuais como áreas de grandes assentamentos (Figura 1).

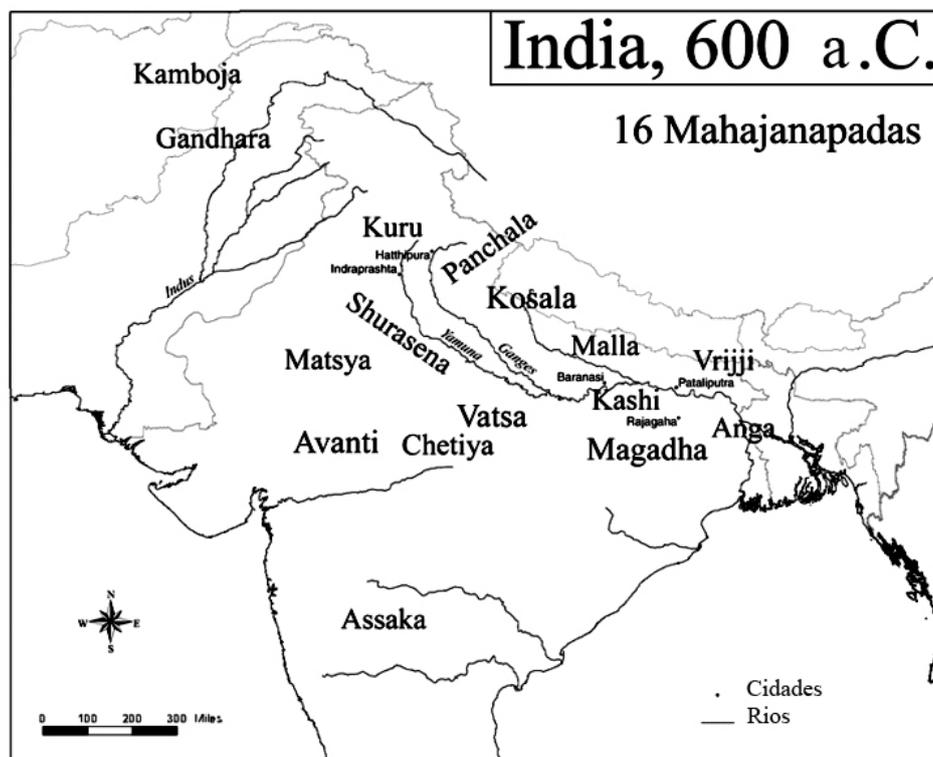


Figura 1. Mapa dos 16 *Mahajanapada* durante o período Histórico inicial (a partir de Allchin 1995).

Em seguida, chegamos ao quarto período, que culmina com a emergência do Império Maurya, resultado de um processo de formação estatal que atingiu uma estrutura e proporção antes nunca vistos. Os dezesseis estados, ou *mahajanapada*, foram progressivamente reduzidos a quatro, em seguida a dois e, finalmente, a um único Estado. Teoricamente, isso coincide com o estabelecimento de um governo único e com o controle completo sobre as facções guerreiras dos *mahajanapada* (ver Allchin 1995). Nesse estágio, o Estado toma uma nova forma e se torna um Império, entretanto, não podemos inferir que esse poder fosse exercido uniformemente sobre todos os estados conquistados ou aliados, uma vez que a realidade é sempre mais complexa e mais fluida do que geralmente propõem as reconstruções históricas.

Esse processo de unificação, que teve início durante a segunda metade do século IV a.C. e se estendeu até o século III a.C., começou a ser observado, primeiramente, no momento em que o reino de Magadha, sob o domínio da dinastia Nanda, estabeleceu sua supremacia e instaurou uma política de

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		4 de 28

expansão de cunho imperialista, que foi seguida por seus sucessores imediatos, os Maurya. Não se sabe ao certo quando foi que os Nanda iniciaram seu império, mas ele ainda existia entre 327 e 325 a.C., época em que Alexandre, o Grande, invadiu a região noroeste do Sul da Ásia (ver Thapar 1961).

As conquistas subsequentes dos Maurya, iniciadas por Chandraguta, o fundador da dinastia, se estenderam sobre os territórios dos *mahajanapada* do Ganges e da maior parte do Sul da Ásia. A sua extensão inicial compreendia a fronteira de Kandahar, a noroeste, até Bengala a leste, e as fronteiras ao sul de Karnataka até Andhra Pradesh. A metrópole Pataliputra (Figura 2), tornou-se a capital do Império Maurya e foi descrita de modo veemente pelo emissário grego Megástenes. Entre as fontes escritas, o *Arthasastra* é considerado a maior evidência histórica desse período, uma vez que teria sido escrito por Kautilya, ministro de Chandragupta Maurya e que o teria ajudado a conquistar os Nanda e a derrotar o exército de Alexandre.

Pela primeira vez na História da Índia observou-se a unificação da quase totalidade do Sul da Ásia em um único império (Figura 2). A expansão política além de ter envolvido uma proliferação de assentamentos urbanos sem precedentes e favorecido o surgimento de padrões de assentamento semelhantes em todas as partes do Império, o que também repercutiu na morfologia dos territórios além das suas fronteiras (ver Allchin 1995; Erdosy, 1995).

A desintegração do Império Maurya ocorreu pouco depois da morte de Ashoka, o mais célebre entre os Maurya, e desapareceu totalmente meio século mais tarde. Entretanto, esse novo período não significou um retorno às estruturas anteriores, pois cada região do Sul da Ásia viu surgir novos Estados que, frequentemente, possuíam um caráter fortemente regional. Esses agrupamentos regionais significaram, em grande parte dos casos, uma reocupação das cidades que anteriormente tinham sido províncias e capitais dos Maurya, ou mesmo, das capitais dos antigos *janapada* (ver Thapar 1961).

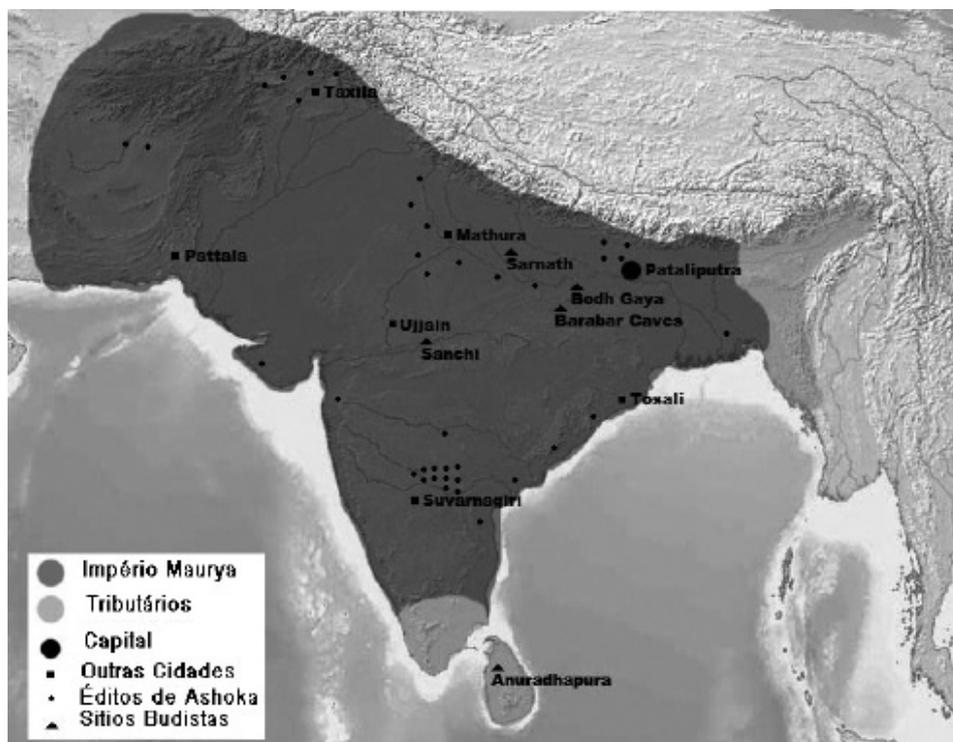


Figura 2. Mapa do Império Maurya c. 256 a.C.

II. A Arqueologia e os Estudos sobre a Urbanização

Até a década de 1980, as pesquisas arqueológicas no subcontinente indiano não adotavam uma abordagem sistemática para interpretação de problemas específicos relativos à história das cidades e da urbanização. Os estudos registraram, em sua grande maioria, apenas partes de escavações com o objetivo de estabelecer a sequência cultural de uma parte ou de partes de cada sítio. A maioria dos registros baseava-se quase que exclusivamente na tipologia cerâmica e negligenciou as demais categorias de evidências, como plantas de habitações e sítios industriais, vestígios de animais ou de plantas, entre outros. Os estudiosos preocuparam-se basicamente com a datação de determinados períodos de ocorrência de certos tipos de cerâmica – *Cerâmica de Pintura Cinza (Painted Gray Ware – PGW)* e *Cerâmica Negra Polida do Norte (Northern Black Polished Ware – NBPW)*, supostamente associadas aos indo-arianos e aos Maurya, respectivamente. Somente a partir da década de 1980 é que surgiram estudos de História Antiga voltados à formação social no Vale do Ganges, que forneceram as primeiras hipóteses sobre o surgimento das cidades e estados na Índia durante o período histórico (ver Thapar 1984, Lal 1984, Erdosy 1988).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		6 de 28									

Ao observar a historiografia dessa região é possível verificar que houve, desde o princípio dos estudos, uma tendência a negligenciar o uso da Arqueologia para a compreensão do período Histórico Inicial. Isso ocorreu, em parte, devido ao interesse gerado pelos períodos Pré-Histórico Tardio e Proto-Histórico, pelos programas de pesquisa preocupados em estabelecer sequências culturais em sítios específicos e, ainda, pelo caráter enigmático da civilização do Vale do Indo, com sua escrita não decifrada e o suposto desaparecimento súbito, que permeou durante décadas a imaginação dos pesquisadores.

A discussão dos fatores sociais, econômicos e políticos que levaram ou acompanharam a emergência das cidades e estados recaía, por sua vez, sobre as fontes históricas. Foi apenas depois dos anos 1980 que os arqueólogos começaram a abordar tais questões e, mesmo assim, pouca atenção foi dada ao potencial de escavação existente nos assentamentos históricos iniciais e muito poucas áreas de habitação foram totalmente escavadas. Na segunda metade do século XX, as escavações se restringiam aos perfis de pequenas seções dos muros de proteção das cidades ou aos depósitos das ocupações, na busca de sequências cerâmicas e dados cronológicos. Houve, sem dúvida, uma ausência de projetos em grande escala, especialmente aqueles de natureza colaborativa e interdisciplinar elaborados para examinar sítios-cidades de maneira compreensiva e integrada (ver Allchin 1995: 5-6).

As novas abordagens da Arqueologia de assentamento modificaram o rumo dos estudos que envolvem o período de emergência de cidades e estados no Norte da Índia e Paquistão. A introdução de levantamentos de superfície orientados por problemas específicos, assim como escavações que seguissem essa mesma linha de pesquisa foram implementados. Deve-se observar, entretanto, que a situação variou de país para país, alguns com maior ou menor interesse pela pesquisa arqueológica. No entanto, qualquer que tenha sido a razão, a maior parte das pesquisas paleolíticas, pré-históricas, proto-históricas e mesmo medievais recebeu sempre mais atenção que o período Histórico Inicial.

Além disso, é preciso notar que um dos maiores problemas existentes atualmente no Sul da Ásia é a explosão demográfica e a consequente destruição de grandes áreas de ocupação, que incluem as cidades antigas. Esses assentamentos estiveram razoavelmente acessíveis e preservados até 1947 mas foram, a partir de então, engolfados pelo processo de crescimento populacional desordenado. Mesmo que estejam, supostamente, sob proteção governamental, muitos sítios foram e continuam a ser sistematicamente destruídos ou a receber novas ocupações, sem que exista uma política efetiva de proteção do patrimônio

labeca	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
		7 de 28

histórico.

Um exemplo claro dessa negligência, observado em um sítio arqueológico do período aqui tratado, foi a própria Pataliputra (atual Patna, no Bihar) que, como vimos, foi a capital do primeiro Império indiano do período Histórico Inicial e, naquela época, era a maior cidade do Sul da Ásia (Figura 3). A maior parte das paliçadas, descritas no século III a.C. pelo general grego Megástenes, encontrava-se ainda preservada em 1912, quando foi descoberta por Spooner em alguns locais submersos (Figura 4). A partir de então, elas foram escavadas repetidamente, mas nenhuma tentativa foi feita para preservar tais vestígios, hoje praticamente perdidos. As muralhas de Pataliputra foram escavadas inicialmente em 1926-27, por Page e Ghosh, que encontraram uma estrutura de madeira com cerca de 127 m de extensão. Uma escavação posterior, em 1935, revelou uma estrutura semelhante a cerca de 800 m da primeira. Finalmente, entre 1951 e 1955, uma outra escavação focou na chamada *Sala dos Pilares* (ver Altekar e Mishra 1959), hoje totalmente destruída (Figuras 5, 6, 7).



Figura 3. Escavação da antiga capital de Pataliputra, em Maghada (*Archaeological Survey of India*).



Figura 4. Paliçadas da antiga capital de Pataliputra em Maghada (*Archaeological Survey of India*).



Figura 5. Sala dos Pilares na antiga Pataliputra, em Maghada (*Archaeological Survey of India*).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		10 de 28									

III. As Fortificações do Período Histórico Inicial

As cidades da *Segunda Urbanização* da Índia antiga surgiram e se desenvolveram em diferentes regiões do Sul da Ásia, todas elas em áreas de solo fértil e alto potencial agrícola. A planície central do Vale do Ganges, nas quais as cidades mais bem documentadas desse período emergiram, possui um clima regido pelas monções e, originalmente, a maior parte dessa região teria sido de florestas (cf. B. Allchin 1995: 16-18).

Nessa região central da grande planície de aluvião do Vale do Ganges é que se desenvolveu o padrão urbano da Idade do Ferro no Sul da Ásia, com sua hierarquia de assentamentos. Em muitas dessas cidades, o assentamento nuclear se expandiu e um novo planejamento emergiu. Esse crescimento, muitas vezes, ficou impresso na paisagem na forma de grandes muros e fossos de proteção. A grande maioria das cidades dos dezesseis estados tradicionais – *mahajanapada* – ainda apresentam traços dessas antigas fortificações (ver Allchin 1989). As fontes textuais, principalmente aquelas de origem budista, descrevem esses Estados e suas respectivas capitais, sendo eles: Anga – Campa; Magadha – Rajgraha; Kashi – Benares; Kosala – Sravasti; Vriji – Vaisali; Malla – Kushinagara; Chetiya – Tripuri; Vatsa – Kausambi; Kuru – Indraprastha; Panchala – Hastipura; Matsya – Virata; Surasena – Mathura; Assaka; Avanti – Ujjain; Gandhara – Taxila; e Kamboja.

Apesar das escavações sistemáticas, ainda existem sérias lacunas cronológicas em relação à emergência dessas cidades e ainda não há evidências que possam indicar qualquer muro de proteção como tendo existido antes do século VI a.C. A função dessas construções ainda precisa ser determinada, algumas delas teriam sido utilizadas como proteção contra inundações e, posteriormente, assumido uma função militar de defesa contra exércitos inimigos. Por outro lado, a tese de Allchin (1989), na qual a defesa era primariamente contra exércitos inimigos, baseia-se no fato da construção dessas muralhas coincidir com o período da emergência das cidades e Estados e, conseqüentemente, com as guerras e a destruição advindas das conquistas, que teria se estendido até a emergência de Maghada como um poder político único nessa região.

A cidade de Rajagrha (atual Rajgir), antiga capital de Magadha, possui muros de pedra (Figuras 8 e 9), mas as demais eram geralmente circundadas com muros de barro ou tijolos (Figura 11 e 12). Pataliputra, a capital mais tardia com suas fortificações construídas em madeira maciça (Figura 3) teria sido uma

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		11 de 28

exceção, geralmente atribuída à instabilidade do solo de aluvião no qual o sítio foi construído. Na década de 1950, A. Ghosh realizou uma escavação em Rajgir e, a partir da *Cêramica Negra Polida do Norte (NBPW)*, estabeleceu a cronologia da ocupação inicial, a partir do século V a.C. com continuidade até o I d.C.

O plano diretor dos assentamentos dessa época variou de acordo com a topografia e, na maioria dos casos, a cidade foi construída ao lado de um rio ou riacho. Muitas vezes, não havia muralha na lateral da cidade em que o rio se encontrava. Muitas das cidades dos *mahajanapada*, como vimos, também são mencionadas em textos budistas¹ – os *Sutras* –, geralmente associadas aos estados dos quais eram as capitais. Às vezes, elas aparecem mencionadas como *nagara* (cidade), ou *mahanagara* (cidade grande), ou mesmo como *rajadhaniya nagara* (capital). Existem referências freqüentes às muralhas e fortificações (*prakara*) e fossos (*parikha*) como elementos da cidade. Embora existam discordâncias em relação à cronologia dos textos, como veremos mais à frente, não há dúvida de que eles se referem a um processo muito semelhante ao que pode ser deduzido a partir das pesquisas arqueológicas. Aparentemente, existiu uma grande consonância entre as evidências arqueológicas e textuais.

Além disso, o trabalho árduo envolvido na construção de fossos e fortificações era, certamente, uma tarefa dispendiosa que, uma vez realizada, não previa ampliações, pelo menos das áreas cercadas por tais construções. Portanto, supõe-se que os muros que sobreviveram representem o tamanho da cidade quando de sua primeira construção, embora muito da sua superestrutura possa ter sido renovada em épocas posteriores. Nesse sentido, esse tipo de empreendimento vultoso é geralmente considerado uma marca efetiva da emergência de uma cidade ou cidade-estado, cujas datas estariam entre os séculos VI e II a.C. mas, principalmente, entre os séculos V e III a.C. (cf. Allchin 1989). Evidências desse tipo de construção fortificada também são encontradas na iconografia do período (Figura 10).

1 Existem evidências textuais que associam Sarasvati e Rajagrha à repetidas visitas do Buda Histórico (c. 563-483 a.C.). Pouco antes do *Mahaparinirvana* do Buda (sua morte), os muros de Rajagrha foram expressamente mencionados por estarem em reforma. Por meio dos textos budistas, sabemos que Pataliputra era originalmente um vilarejo e que, na época do Buda, foi construída uma fortificação. Essa cidade assumiu seu papel de capital, somente duas gerações mais tarde. Um fato que, nestas fontes, aparece como uma profecia do próprio Buda.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		13 de 28									

Em relação à extensão dessas formações urbanas, enquanto a antiga Rajagrha parece ter ocupado aproximadamente 200 hectares, a área de Pataliputra teria compreendido c. 1200 hectares, o que, como vimos, reflete o ápice de um processo de formação estatal a partir da conquista e incorporação dos dezesseis estados originais em uma única superestrutura imperial.

A partir da classificação² fornecida por Allchin (1989), apenas Pataliputra em todo o Sul da Ásia pertenceria ao Grau I (i.e., mais de 241 hectares) e ela foi a maior cidade do período, o que reflete seu status enquanto capital de Magadha e do Império Maurya. A antiga Rajagrha, por sua vez, estaria no Grau II. Na maior parte das áreas periféricas, existem poucas cidades que possam ser comparadas com as cidades da região central do Vale do Ganges. Na região noroeste, por exemplo, Kandahar e Taxila (monte Bhir) estão classificadas no Grau V e Puskalavati no Grau VI. No leste da Índia, o sítio fortificado de Tilaura Kot (supostamente a antiga Kapilavastu), no atual Nepal, possuía uma área cercada de 25 hectares, o que sugere um status comparativamente modesto para a cidade cujo governante, o rei Shudodana, é tradicionalmente identificado como o pai do Buda Shakyamuni.



Figura 10. Relevô no Torana sul do Estupa I de Sanchi, com cena de guerra junto às muralhas de uma cidade, período Sunga, século I d.C. (© *Huntington Archive of Buddhist and Related Arts*)

A partir das análises empreendidas, atualmente parece haver um consenso entre os estudiosos de que a região central do Vale do Ganges foi o epicentro do processo de formação das cidades e estados no período Histórico Inicial da

² Allchin (1989) estabeleceu seis graus diferentes para o tamanho das ocupações, com relação à área cercada pelas fortificações: Grau I - mais de 241 hectares; Grau II - entre 181 e 241 hectares; Grau III - entre 121 e 180 hectares; Grau IV - entre 61 e 120 hectares; Grau V - entre 31 e 60 hectares; Grau VI - entre 15 e 30 hectares.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		14 de 28									

Índia, algo que já vinha tomando forma desde o século VI a.C., ou mesmo antes disso. Um desenvolvimento com caráter igualmente rápido e sincrônico, que culminou no século III a.C., com o advento do império Maurya (ver Thapar 1961).

Ao mesmo tempo, costuma-se considerar que esse desenvolvimento envolveu a derrubada de florestas para fins agrícolas e a criação de uma base que pudesse sustentar o crescimento populacional das cidades e suas demandas, a partir das quais teria surgido a máquina estatal. Nas áreas periféricas, o processo teria ocorrido mais tarde que na bacia gangética e, de acordo com algumas correntes, após ter recebido um forte estímulo do imperialismo Maurya. No entanto, esse ponto de vista que atribui uma urbanização abrupta ou artificial e decorrente do advento Maurya nas demais áreas do subcontinente é cada vez mais questionado (ver Morrison 1995). Quanto mais distante do Vale do Ganges, menos clara se torna a situação mas, além do imperialismo Maurya, os fatores regionais tiveram, muito provavelmente, influência sobre a emergência das cidades e dos estados.

Para Allchin (1995), houve uma diferença distinta entre a forma como as cidades e estados se formaram no Vale do Ganges e os padrões de formação das demais áreas. A questão mais importante que envolve tais fatores, para esse arqueólogo, é a análise do desenvolvimento social, econômico e político que acompanhou o processo de formação das cidades, pois eles são a base sobre a qual se firmaram a emergência dos *mahajanapada* e a subsequente expansão do império Maurya.

III. O prelúdio e o ápice da urbanização

1. O período Védico

O desenvolvimento dos assentamentos no Norte da Índia, durante o II milênio a.C., é considerado o *prelúdio* da *Segunda Urbanização* no Sul da Ásia. Embora as evidências disponíveis componham um conjunto díspare de levantamentos em áreas muito dispersas, os padrões encontrados são suficientemente consistentes e significativos. O Vale do Ganges, antes do ano 1000 a.C., apresenta algumas dificuldades de interpretação, pois apesar da convenção de que a região foi tomada por tribos *arianas*, as pesquisas arqueológicas demonstraram que muitos dos assentamentos atribuídos aos *arya* já existiam antes e durante o II milênio a.C. (ver Erdosy 1995).

Assim, o suposto hiato existente entre a primeira e a segunda urbanização deve ser interpretado cuidadosamente. A área indo-gangética desenvolveu-se

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		15 de 28									

inicialmente a partir da migração de grupos pertencentes à civilização do Vale do Indo e não apenas, como foi recorrentemente postulado, dos indo-arianos que chegaram mais tarde. Sendo assim, a contribuição desses grupos autóctones para o desenvolvimento das sociedades complexas no período Histórico Inicial precisa ser revista.

No Vale do Indo, por exemplo, as cidades de Mohenjo-Daro e Harappa, anteriormente vistas como cidades-gêmeas e dominantes do império Harappan, atualmente são consideradas unidades sócio-políticas (USPs) regionais paritárias (ver Renfrew e Cherry 1992), nas quais as principais cidades – entre as quais Dholavira, com o mesmo tamanho que Mohenjo-Daro –, não eram centros de dominação, mas de mediação da intensa interação regional entre as centenas de assentamentos existentes naquela região durante o período da primeira urbanização indiana.

A questão da grande complexidade social existente durante o período da primeira urbanização é fortalecida pela diversidade funcional dos sítios nas redes regionais e pela descoberta de sítios com indústrias especializadas. A integração regional fica evidenciada no espaçamento regular dos centros maiores, assim como na distribuição extensiva de produtos tipicamente *harappan*. Essa rede sofreu uma grande desestruturação no início do II milênio, quando os grandes centros, como Mohenjo-Daro, de acordo com Erdosy (1995), sofreram uma redução em 90% de seu tamanho, enquanto outros desaparecem completamente.

Nesse período, há uma descontinuidade na localização dos sítios centrais, associada ao desaparecimento das intrincadas redes existentes entre os sítios especializados, observa-se também o desaparecimento de outros aspectos como planejamento urbano, escrita e pesos, que assinalam o colapso das redes supra-regionais. Ocorre uma mudança populacional significativa em direção ao nordeste, decorrente da seca gradual do rio Sarasvati. A complexidade observada na fase harappan tardia, que é comparável a outras sociedades estatais contemporâneas, sofreu um colapso irreversível em seu sistema. Embora seus sucessores, os falantes de indo-ariano, tenham fornecido uma influência ideológica ampla na emergência das sociedades complexas do Vale do Ganges, as teorias professadas a esse respeito durante o período colonial britânico na Índia atribuíram-lhes, certamente, um peso exagerado.

O conhecimento que existe sobre a fase inicial da urbanização na bacia gangética vem das escavações de sítios mesolíticos. Embora a ausência de hierarquia de assentamentos indique uma estrutura social simples, centralizada

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca	16 de 28										

em sítios individuais, existem outros vetores e padrões culturais já bem estabelecidos. A partir da presença das colheitas sazonais (trigo, cevada e arroz) é possível saber que algumas práticas tradicionais de semeadura já existiam. Os animais domesticados incluíam gado, carneiros, caprinos, suínos e cães, aos quais o cavalo foi acrescentado a partir da Idade do Ferro. No entanto, após a introdução dos instrumentos de ferro, poucas mudanças tecnológicas ocorreram durante o milênio que se seguiu. Os artefatos e o tamanho dos sítios desse período indicam pouca especialização artesanal e distinção de status (cf. Erdosy 1995).

No período Calcolítico – datado da metade do II milênio a.C. e, geralmente, identificado pela presença da *Cerâmica Negra e Vermelha (Black and Red Ware – BRW)* no baixo Ganges, e da *Cerâmica Ocre Colorida* mais a oeste –, houve uma proliferação de assentamentos, embora ainda não se observe a presença de centros.

2. Período Bramânico

O termo Idade do Ferro Inicial e a escolha dos séculos X ao VI a.C. para delinear esse período referem-se aos níveis estratigráficos estabelecidos a partir da datação absoluta da época do aparecimento da *Cerâmica de Pintura Cinza (PGW)* até o da *Cerâmica Negra Polida (PBW)* do norte da Índia (ver Erdosy 1995). A partir dos padrões de assentamento e da cultura material foi observada a emergência de uma hierarquia de assentamentos no Vale do Ganges, ao invés dos sítios paritários encontrados durante o Neolítico e o Calcolítico.

Esses padrões foram atribuídos, em contexto Mesopotâmico, às chefias (ver Earle 1991; 1997), que exibiam uma atividade permanente de coordenação e possuíam um monopólio dos poderes político, militar e jurídico; e, no qual, a autoridade baseava-se mais em sanções religiosas, que na força. Tais aspectos ainda não são identificáveis no registro arqueológico do Vale do Ganges, devido à ausência de escavações extensivas de sítios importantes, entretanto, eles ficaram preservados nas fontes literárias.

Um fator importante para a localização de áreas centrais parece ter sido a influência dos recursos estratégicos. Cidades como Kausambi (Figura 10), por exemplo, eram cercadas pelos solos mais pobres do distrito de Allahabad, entretanto, estavam próximas de jazidas de ferro e pedras semi-preciosas, na cordilheira dos Vindhya. A situação anômala de Rajagrha, a única cidade grande do período Histórico inicial muito distante de rios, pode também ser explicada pelo acesso às maiores jazidas de minério de ferro da Índia. A

obtenção, o processamento e a troca de matéria prima nas planícies aluviais eram algumas das mais importantes funções desses primeiros centros e aquilo que os diferenciava dos demais assentamentos. Esse padrão fornece indícios da importância atribuída às trocas inter-regionais de bens de prestígio durante o período de formação das sociedades complexas.

Uma inovação crucial do período é a fundição do ferro. O cobre era usado principalmente em ornamentos e o ferro nas armas. A visão tradicional de que o ferro foi trazido para o subcontinente pelos *invasores arianos* até hoje não se confirmou. Além disso, a explicação de Wheeler (1962) de que o ferro teria chegado à Índia apenas por meio do império Aquemênida, revelou-se equivocada após as datações dos níveis estratigráficos mais antigos a conter ferro, que são anteriores.



Figura 11 e 12. Muralhas de Kausambi, erijidas com tijolos (*Archaeological Survey of India*).

A tese de que a fusão do ferro se desenvolveu no próprio subcontinente (Chakrabarti 1977) baseia-se no argumento de que as jazidas do minério são encontradas por toda a extensão da Índia, fora das planícies aluviais, em quantidades talvez insuficientes para uma exploração comercial moderna mas, certamente, suficientes para os métodos primitivos. Havia, portanto, como colocado por Chakrabarti (1988), oportunidades amplas para a experimentação.

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		18 de 28

Um segundo argumento a corroborar essa teoria refere-se ao fato das mais antigas evidências de ferro provirem da península e não do noroeste indiano. A datação indica que os níveis estratigráficos associados ao ferro na península indiana são anteriores tanto ao Vale do Ganges como às regiões do noroeste. Se o processo de difusão tivesse vindo do noroeste, os padrões seriam opostos àqueles ali encontrados.

Além dos argumentos expostos acima, sabe-se que, até o século VI a.C., o ferro foi muito pouco utilizado no Vale do Ganges, principalmente na manufatura de armas. Apenas os sítios da Índia Central forneceram um conjunto variado de utensílios de ferro. Por outro lado, a presença de vestígios de ferro em alguns sítios do Vale do Ganges demonstra que tais sociedades, embora tivessem acesso à tecnologia do ferro, não a utilizaram amplamente antes desse período (ver Erdosy 1995: 83).

Ao considerar o surgimento de sociedades complexas como associado à expansão territorial que levou à uma interação de diversos grupos étnicos e suas diferentes práticas, o princípio de hierarquização que congregava as diferenças culturais já existentes forneceu às elites uma forma de legitimação da ordem social. Essa elite apresentou a distinção de status como o resultado natural da diversidade cultural que favorecia a si mesma e, assim, a estabilidade pôde ser mantida dentro do sistema, mesmo que novos grupos étnicos fossem anexados. Erdosy (1995: 97) acredita que isso explicaria a rapidez com que se difundiu a nova ideologia védico-bramânica durante a emergência de sociedades complexas na região.

O reaparecimento de estruturas políticas estáveis, após o colapso do urbanismo *harappan*, seguido de uma mudança do poder econômico e político para o leste, e a difusão de novos dialetos indo-arianos, durou quase um milênio. O surgimento das chefias simples, datadas de c. 1000 a.C., foi o ápice desse processo, caracterizado por uma cultura material em que o ferro ainda possuía um uso limitado na economia agrícola, a densidade populacional era baixa e a hierarquia de assentamentos era composta por uma área central que coordenava a obtenção, o processamento e a distribuição das matérias primas (ver Erdosy 1995: 113).

Uma rede de unidades sócio-políticas (USPs) de pequena escala persistiu até 550 a.C. e se expandiu ao longo do baixo Vale do Ganges. Os três séculos seguintes observaram um grande crescimento populacional, tanto em tamanho quanto em concentração, a ocupação de áreas férteis de florestas longe dos principais cursos d'água, o ressurgimento das trocas de longa distância, de uma

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		19 de 28									

economia monetária e da escrita. Pouco antes de 250 a.C., as alianças étnicas presentes nas chefias foram substituídas pela submissão à uma autoridade territorial estatal.

A cronologia da formação do estados históricos iniciais é confusa, em decorrência da aparição tardia dos registros escritos. Existem, no entanto, alguns padrões que merecem atenção. A maioria dos arqueólogos baseou-se nas mudanças no horizonte cerâmico para determinar os períodos dos sítios, o que tornou a datação da *Cerâmica Negra Polida (BPW)* um ponto crucial do quadro cronológico, uma vez que esse artefato, que é facilmente identificável, ocorre em uma área bastante ampla. Embora represente um pequeno avanço tecnológico e não possa ser diretamente identificada com um *povo*, como sempre se acreditou que estivesse associada aos indo-arianos, essa cerâmica se relaciona a importantes mudanças na cultura material desde a data de sua introdução. A partir das cronologias existentes, é possível determinar que o horizonte final dessa cerâmica corresponde ao período Histórico Inicial, que fornece uma cronologia segura a partir da metade do século III a.C.

Os padrões de assentamento regional, por sua vez, fornecem o mais confiável índice sobre o desenvolvimento das sociedades complexas durante esses três séculos. A partir da cronologia cerâmica, Erdosy (1995) estabeleceu a divisão entre uma fase inicial correspondente ao níveis cerâmicos datados entre 550 e 400 a.C.; e uma fase tardia que abrange o período entre 400 e 100 a.C.

O período entre 550 e 400 a.C. foi marcado pelo crescimento dos assentamentos e conseqüente aumento populacional. Houve uma centralização política e econômica rápida: concentração de população em sítios maiores, o espaçamento regular dos centros ao longo das principais vias de comunicação e um domínio exercido pelo assentamento maior sobre os menores. As fontes literárias sugerem que a concentração de poder tornou-se necessária devido à competição incessante entre as unidades sócio-políticas dominantes - *mahajanapadas*. O que costuma ser confirmado, no registro arqueológico, pela proliferação de fortificações e pela concentração de assentamentos maiores em áreas restritas.

Embora a função das várias categorias de assentamento ainda precise ser confirmada pelas escavações, elas podem ser presumidas a partir de uma série de achados de superfície, localização e das evidências literárias. No nível mais baixo da escala hierárquica dos assentamentos estavam as vilas, predominantemente nucleares, habitadas por agricultores e pastores. Acima delas, os pequenos centros com indícios da manufatura de artefatos cerâmicos,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		20 de 28									

líticos, forja de ferro e cujas fontes literárias também atribuem funções como a cobrança de impostos e o comércio. Em seguida, encontravam-se as cidades, nas quais eram desenvolvidas todas as atividades de manufatura, que incluíam a produção de objetos de luxo. Embora a maioria delas fosse fortificada, seu tamanho era muito inferior se comparado às respectivas capitais que, por sua vez atuava como centro do poder político.

De forma geral, a distribuição das funções destas unidades sócio-políticas confirma a premissa básica da Teoria de Centro e Periferia (Rowland 1987), na qual as estruturas dos sistemas econômicos regionais integrados possuem um centro, ou áreas de controle mais desenvolvido, com aparato tecnológico e processos de produção, formas de organização do trabalho, assim como um forte aparato ideológico-estatal para defender seus interesses. A periferia, por sua vez, não possui esses atributos e é modificada para atender as demandas externas de matéria-prima.

Embora as hierarquias de assentamento já estivessem estabelecidas em 400 a.C., o período seguinte observou mudanças importantes. Uma nova categoria de assentamentos emergiu – pequenos e distribuídos entre as habitações rurais –, provavelmente para exercer funções administrativas primárias em regiões mais amplas. A existência desses pequenos centros em áreas rurais parece indicar esforços na centralização do controle sobre as áreas periféricas. Os centros secundários passam a participar das trocas de longa distância, diferenciando-se dos assentamentos menores. Há, paralelamente, uma proliferação de novos vilarejos para distribuição de serviços básicos por uma área mais ampla (cf. Erdosy 1995). Neste período, as áreas afastadas de rios e lagos também foram ocupadas. Vastas áreas de floresta foram desmatadas, a partir de 550 a.C., com a ajuda dos implementos de ferro encontrados nos sítios maiores. Entre 100 a.C. e 300 d.C., um terço das cidades estavam distantes de cursos d'água, em áreas férteis, porém de difícil acesso.

À centralização de instituições políticas seguiu-se o crescimento do cultivo, o que explica como uma burocracia em expansão era sustentada, pelo aumento da produção primária, em que a agricultura é a base da riqueza da região e a verdadeira medida do poder econômico e político que precisava ser implementado em tempos de rivalidade crescente. Embora ainda não existam maiores evidências de hierarquias de assentamento, sítios fortificados de tamanho considerável são encontrados por todo o norte da Índia e podemos inferir que tais ocupações configuravam redes integradas de assentamentos nivelados por tamanho e função.

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		21 de 28

Apesar das limitações, algumas regularidades podem ser observadas em relação aos padrões de centralização econômica e política, como a própria natureza monumental das fortificações históricas iniciais. A partir da estimativa da força humana necessária para erguer essas muralhas é possível postular um alto grau de organização sócio-política. Essa monumentalização sugere que, além de defender o assentamento, fosse dos ataques ou das enchentes, os muros podem ter possuído uma função simbólica, ao delinear as cidades como *ilhas de ordem numa paisagem caótica* (Erdosy 1995: 115).

Em relação ao planejamento das cidades, há apenas um testemunho das escavações de J. Marshall, em Bhita (1911-12). Embora suas descobertas datem principalmente do período Maurya e pós-Maurya, ou seja, do século III a.C. em diante, elas sugerem a preservação da planta da cidade (pré-Maurya) e das habitações durante vários séculos. Diferenças nas condições de vida, reveladas pela escavação das habitações também confirmam a existência de uma sociedade estratificada.

As informações também são poucas em relação às atividades de manufatura. Vários sítios apresentam grandes quantidades de minério de ferro. A escala das operações sugere uma especialização em tempo integral e uma produção para um mercado amplo. Erdosy (1995) acredita que tal hipótese é reforçada pelos tesouros encontrados na região. Durante esse período, entretanto, foram encontrados indícios de fundições tradicionais de pequeno porte dos períodos anteriores, localizadas nas áreas residenciais de outros sítios. Ainda faltam maiores informações sobre o contexto de localização destas oficinas nos assentamentos (ver Chakrabarti 1977). Há, porém, uma associação geral entre as atividades de manufatura e os assentamentos de maior porte, que revela uma concentração de oficinas em alguns locais facilmente supervisionados, o que indica um controle sobre a produção e distribuição dos bens.

A obtenção, o processamento e a distribuição da matéria-prima, diretamente associados à localização de muitas cidades periféricas, indicam a importância de tais empreendimentos como função primária das regiões centrais que emergiram no período Histórico Inicial.

3. Fontes escritas

As grandes mudanças nos padrões de assentamentos e na cultura material estão refletidos na literatura dos séculos VI ao IV a.C. As informações fornecidas pelos *Dharmasutras* de *Apastamba*, *Baudhayana* e *Gautama*, que representam o extrato final da literatura védico-bramânica, junto dos *Astadhyayi* de Panini,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		22 de 28									

podem ser considerados relevantes na fase inicial do horizonte cerâmico *BPW*. Em relação ao período seguinte, o Cânone Budista e certos capítulos do *Arthashastra* de Kautilya, contêm muitos detalhes igualmente importantes.

Nas fontes budistas, as vilas (sâns.: *grama*; páli: *gama*) aparecem como as mais numerosas e habitadas por grupos familiares extensos. A posse da terra e as fontes de renda pertenciam geralmente a um brâmane. Este é apenas um dos processos que indica a formação da propriedade privada ao invés da posse comunal. Áreas de floresta e campos de pastagem aparecem sob os domínios dessas vilas. Na obra de Panini, existem distinções entre outros tipos de assentamentos rurais como as pequenas aldeias (*khetā*) e os campos pastoris (*ghosa*). Os *mahagrama* (grandes vilas) não aparecem mais como uma categoria distinta, ao invés disso, a literatura passa a mencionar os *nigama*, *pura* e *nagara*.

O primeiro desses termos, *nigama*, parece ter possuído vários significados, como: uma área residencial dentro da cidade, uma vila maior habitada por uma população socialmente heterogênea e, particularmente, em períodos mais tardios, uma cidade-mercado. Os outros termos, *pura* e *nagara*, referem-se a centros urbanos. Embora *pura* inicialmente indicasse especificamente um assentamento fortificado, neste período, ele converge com *nagara*, uma designação que aparece pela primeira vez no *Taittiriya Aranyaka*, do final do período védico-bramânico. No entanto, poucos detalhes são fornecidos em relação à função dessas cidades. Elas aparecem descritas como populosas, bem protegidas e com muitos artesãos e mercadores. No *Arthashastra*, por sua vez, se discute uma hierarquia de centros administrativos, assim como, o planejamento de uma capital ideal.

A tradição budista reconhece seis cidades de grande importância que seriam dignas de receber os restos mortais do Buda: Champa, Kashi, Shravasti, Kausambi, Rajagrha e Saketa. As primeiras cinco correspondem aos centros urbanos iniciais recuperados pelas evidências arqueológicas, o que atesta a veracidade das fontes literárias.

O aparecimento de centros urbanos não poderia ter ocorrido sem mudanças significativas na organização política. Na época do célebre gramático Panini, a maior parte do Sul da Ásia estava dividida em diversos *janapada*, representando claramente unidades territoriais demarcadas, ao invés dos agregados populacionais anteriores. Os *janapada*, associados ao nascimento das monarquias, cresceram no Vale do Ganges por meio das conquistas e tornando-se em seguida, como vimos, unidades maiores conhecidas nas fontes budistas

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		23 de 28									

e jainistas como os dezesseis *mahajanapada*, provavelmente dois séculos depois de Panini. Nesta época a Cerâmica de Pintura Cinza (*PGW*) já havia desaparecido. Os pequenos círculos de afiliação baseados em etnia estavam sendo suplantados por alianças entre unidades sócio-políticas territorialmente organizadas. Em cerca de 321 a.C., a província de Magadha emergiu invicta. As lutas políticas são mencionadas recorrentemente na literatura Budista.

Como demonstrado por Renfrew e Cherry (1992), a competição acirrada pelo poder entre unidades sócio-políticas paritárias que compartilhavam as mesmas tradições culturais é uma consequência comum da emergência de sociedades complexas. Neste período, o que aparece mais evidenciado são as referências aos meios alternativos de controle político entre os *janapada*, designados *rajya* e *gana*.

O primeiro fenômeno, *rajya* – ou monarquia –, é o que domina a atenção das fontes védico-bramânicas, exceto as budistas. Ele havia surgido de forma embrionária no período védico-bramânico e é caracterizado por governantes hereditários, cujos deveres se dividiam entre a liderança nas guerra, a proteção das vidas e da propriedade, assim como a manutenção da lei sagrada (*dharma*) védico-bramânica. Um código legal bem desenvolvido, que incorporava os costumes dos vários grupos sociais e étnicos formadores dos *janapada*, foi complementado pelo uso do poder coercivo do governante para o cumprimento efetivo de seus deveres o que, por sua vez, marca a transição das chefias para os estados.

A administração cresceu de poucas repartições sob o comando direto do governante para uma estrutura burocrática hierarquizada, cujos constituintes principais estão listados e descritos nas fontes literárias. O governante, o primeiro ministro, o sacerdote e o príncipe coroado ocupavam o alto escalão da administração, seguidos por um conselho de ministros e de oficiais para execução de tarefas administrativas gerais e específicas, assim como do estafe do palácio. O poder militar e o judiciário eram organizados dentro de regras estritas e semelhantes, em que o governante presidia todas as reuniões de grande importância. Essa máquina administrativa, caracterizada por uma centralização extrema e uma hierarquia rigorosa, era mantida pelos impostos cobrados regularmente. A sociedade era estratificada e a propriedade privada emergiu junto das instituições estatais, financiadas pela redistribuição da riqueza. Os rituais se mantiveram importantes, mas não possuíam mais um papel preponderante uma vez que a liderança hereditária possuía menos necessidade de legitimação.

A forma alternativa de organização política, a oligarquia – ou *gana* –, está

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		24 de 28

documentada principalmente pelas fontes budistas, uma vez que os padrões de decisão desse modelo político foram elogiados e seguidos pelas ordens monásticas. Ao invés de um governante hereditário, os líderes eram eleitos por um período limitado, pelos chefes das famílias da linhagem de governantes. Os oficiais administrativos, judiciais e militares eram empregados e uma assembléia de notáveis – presumivelmente liderada pelo governante –, tomava as decisões importantes do Estado, de acordo com um código estrito de regras.

Em outros aspectos, as oligarquias pouco diferiam das monarquias, posto que também possuíam uma ampla gama de camadas sociais, cunhavam suas próprias moedas e davam apoio aos grandes centros (ver Erdosy 1995: 117). Embora tenham sido vistas como as manifestações iniciais das instituições democráticas na Índia, uma análise mais aprofundada indica que suas assembleias impunham uma grande separação entre o governante e os governados (ver Thapar 1984).

A suposta ausência de instituições populares nesse período também pode ser uma decorrência do foco limitado das fontes escritas. As regiões nordeste e oeste da Índia antiga, nas quais se concentraram os *gana*, eram vistas com desaprovação pelos governantes védicos, que podem ter omitido deliberadamente de sua tradição as instituições tribais existentes.

Embora existam evidências textuais de que algumas oligarquias se tornaram monarquias, a maior parte delas não chegou ao estágio monárquico pois muitas foram conquistadas antes dessa transição estar completa. A partir das fontes textuais é possível inferir que o processo de decisão descentralizado utilizado nessas unidades sócio-políticas impôs uma série de limites à sua extensão territorial e, por conseguinte, ao seu poder econômico e político (cf. Erdosy 1995: 122).

Embora a natureza hierárquica dos estados do Sul da Ásia facilitasse as conquistas, a concentração excessiva de poder que desencadeou uma enorme burocracia não conseguiu se sustentar por muito tempo. Uma vez que a absorção por uma unidade sócio-política maior significava a sobreposição de níveis adicionais de burocracia às instituições preexistentes, muitos dos *janapada* – inclusive algumas oligarquias – do período Histórico Inicial reapareceram após a queda do Império Maurya (ver Thapar 1961).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		25 de 28									

IV. Considerações Finais

O Período Histórico Inicial do Sul da Ásia aparece especialmente bem documentado na literatura, mas ainda não na arqueologia.

A gênese sócio-política das cidades e estados foi interpretada pelos historiadores materialistas que, inspirados pelas ideias de Gordon Childe, foram os primeiros a fornecer uma síntese coerente, centrada na invenção da fundição do ferro. Essa revolução tecnológica – mudança cultural –, na visão dos mesmos, teria desencadeado o desmatamento das florestas e o cultivo dos solos férteis da bacia gangética (ver Kosambi 1956; 1963). O excedente resultante teria sido apropriado por uma elite governante e levado, conseqüentemente, ao desenvolvimento de um Estado a ser protegido e de uma ideologia nacionalista para sacralizar a desigualdade.

Em resposta a esta abordagem, muitos arqueólogos (Chakrabarti 1972; Ghosh 1973) observaram que houve um grande atraso na introdução dos instrumentos em ferro na agricultura e argumentaram que, mesmo as grandes invenções tiveram pouco impacto, até que mudanças na esfera sócio-política – o aumento da complexidade –, permitissem sua adoção. Com a ajuda do registro arqueológico, o papel preponderante das mudanças econômicas foi reavaliado, no entanto, os pesquisadores não apresentaram um substituto adequado ao mesmo e nunca chegaram a especificar quais as mudanças cruciais na esfera sócio-política realmente teriam levado à emergência das sociedades complexas.

O impasse criado entre essas teorias rivais foi transcendido pela síntese de Thapar (1984), que forneceu uma análise detalhada das mudanças em estruturas sociais e políticas com base na teoria antropológica. Sua análise da evolução das sociedades de chefia para as sociedades estatais é bastante convincente, no entanto, existem sérias dificuldades para validar a pressão populacional, expressa na forma de circunscrição social, como fonte de aumento da complexidade social. As dificuldades operacionais envolvidas na estimativa de populações passadas, torna realmente difícil provar a existência de uma pressão populacional. Evidências indiretas, como a exploração das áreas marginais, são igualmente inconclusivas, ao menos no Sul da Ásia.

Por um lado, como observou Erdosy (1995), isso não pode ser demonstrado antes de 400 a.C., quando as áreas de floresta foram exploradas pela primeira vez. Por outro, é possível postular que, como a formação dos estados já estava bem encaminhada nesse período, essa teria sido a resposta inicial à pressão populacional e não a exploração das áreas periféricas. O rápido crescimento

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		26 de 28									

populacional, alternado com períodos de estagnação, acompanharam a emergência dos principais centros do Vale do Ganges e contrastam com o aumento vagaroso e equilibrado visto em áreas exclusivamente rurais.

Em relação à guerra há uma situação diferenciada. Embora uma ligação causal ainda precise ser demonstrada, Erdosy (1995) acredita que a guerra precedeu claramente o desenvolvimento das sociedades complexas. As unidades sócio-políticas do período Védico tardio eram caracterizadas pelas chefias, possuíam uma liderança hereditária, uma burocracia rudimentar diretamente supervisionada pelo governante e uma ideologia em comum que legitimava a ordem social. A autoridade era mantida por meio de sanções religiosas – ideologia –, e não pela força, o que, a julgar pela proliferação das unidades sócio-políticas de pequeno porte, foi insuficiente para evitar uma fusão.

No período Bramânico, iniciado por volta de 550 a.C., um código legal foi estabelecido pela primeira vez nos *Dharmasutras*. Ao mesmo tempo, um poder coercivo foi delegado ao governante para ajudá-lo a manter a lei sagrada. A transição das chefias para estados aparece dentro das expectativas: as divisões são substituídas por regiões amalgamadas que indicam a eficácia crescente do poder político. É apenas por volta de 400 a.C., que aparecem os grandes centros urbanos fortificados, a introdução da cunhagem, as evidências literárias de uma burocracia profissional e assalariada e o crescimento do reino de Magadha, que confirmam a aceleração do processo de formação estatal. Tais tendências culminaram nas campanhas vitoriosas de Chandragupta Maurya, líder fundador do império sul asiático, em 321 a.C.

Se, por um lado, as fontes literárias de um período histórico são de grande relevância e não podem ser negligenciadas pelo arqueólogo, por outro, uma visão voltada à cultura material fornece uma abordagem indispensável à interpretação desses textos, muitas vezes sem datação precisa. A história inicial da Índia foi sempre sustentada pela literatura e uma perspectiva arqueológica é necessária para fornecer uma visão mais precisa e equilibrada desse período. Existe, sem dúvida, uma necessidade iminente de novas abordagens que inovem a forma de tratar os problemas teóricos existentes e viabilizem uma interpretação mais aprofundada sobre a complexidade e a dinâmica social, política e econômica responsáveis pela morfogênese urbana no Sul da Ásia em cada um de seus períodos.

	As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		27 de 28

Referências Bibliográficas:

ALLCHIN, F.R.

1989. City and State Formation in Early Historic South Ásia. *South Asian Studies*, v. 5.

1995. *The Archaeology of Early Historic South Asia – The emergence of cities and states*. With contributions from George Erdosy, R. A. E. Coningham, D. K. Chakrabarti e Bridget Allchin. Cambridge: Cambridge University Press.

ALTEKAR, A.S. and MISHRA, V. K.

1959. *Report on Kumrahar excavations (1951-1953)*. Patna: K.P. Jayaswal Research Institute.

BLUMFIELD, E.M. e EARLE, T.

1990. *Specialization, Exchange and Complex Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHAKRABARTI D. K.

1972. *India, An Archaeological History: Palaeolithic Beginnings to Early Historic Foundations*. New Delhi: Oxford University Press (1995).

1977. Distribution of iron ores and the archaeological evidence for early iron in India. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 20: 166-84.

1988. The old copper mines of Eastern India. In R. Mandir (ed.), *The beginning of the use of metals and alloys*. MIT Press.

1995a. Post-Mauryan states of mainland South Asia (c. 185 B.C.–A.D. 320). In Allchin, F. R., *The Archaeology of Early Historic South Asia: The Emergence of Cities and States*. Cambridge, Cambridge University Press: 274–326.

1995b. *The Archaeology of Ancient Indian Cities*, Oxford University Press, Delhi.

2000. Mahajanapada states of Early Historic India. In Hansen, M. H. (ed.), *A Comparative Study of Thirty City–State Cultures*, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, Copenhagen: 375–391.

DAY, J.

2001. *Indo-European Origins: The Anthropological Evidence*. Washington, DC: Institute for the Study of Man.

EARLE, T.

1991. *Chieftoms: Power, Economy and Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press.

1997. *How Chiefs come to Power*. Stanford: Stanford University Press.

ERDOSY, G.

1988. *Urbanization of Early Historic India*. British Archaeological Reports: International Series. Oxford: British Archaeological Reports.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										As Cidades e os Vetores da Urbanização no Sul da Ásia durante o Período Histórico Inicial	Fev / 2010
labeca		28 de 28									

1995a. The Prelude to Urbanization: ethnicity and the rise of Late Vedic chiefdoms. In F. R. Allchin (ed.), *The Archaeology of Early Historic South Asia – The emergence of cities and states*. Cambridge, Cambridge University Press: 75-98.

1995b. City states of North India and Pakistan at the time of the Buddha. In F. R. Allchin (ed.), *The Archaeology of Early Historic South Asia – The emergence of cities and states*,. Cambridge, Cambridge University Press: 99-122.

GHOSH, A.

1973. *The City in Early Historical India*. Indian Institute of Advanced Study, Simla.

KOSAMBI, D. D.

1956. *An Introduction to the Study of Indian History*. Bombay: Popular Book Depot.

1962. *Myth and Reality: Studies in the Formation of Indian Culture*. Bombay: Popular Prakashail.

1965. *The Culture and Civilisation of Ancient India in Historical Outline*. London: Routledge & Kegan Paul.

LAL, M.

1984. *Settlement History and the Rise of Civilization in the Ganga-Yamuna Doab from 1500 B.C. – 300 AD*. Delhi: B. R. Publishing Co.

MARSHALL, J.H.,

1911–1912. Excavation at Bhita, *Annual Report of the Archaeological Survey of India*, Delhi: 29–94.

MORRISON, K.

1995. "Trade, urbanism and agricultural expansion: Buddhist monastic institutions and the state in early historic western Deccan", *World Archaeology* vol. 27 (2), Buddhist Archaeology (ed. Gina Barnes), 203-21.

RENFREW, C e CHERRY, J. F.

1992. *Peer Polity Interaction and Socio-Political Change*. Cambridge: Cambridge University Press.

ROWLAND, M.

1987. Centre and Periphery: a review of a concept. In M. Rowlands, M. Larsen and K. Kristiansen (ed.), *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press.

SHARMA, R. S.

1983. *Material Culture and Social Formations in Ancient India*. New Delhi: Macmillan.

THAPAR, R.

1961. *Ashoka and the Decline of the Mauryas*. Oxford: Oxford Univesrity Press.

1984. *From Lineage to State: Social Formations in the mid-first Millenium BC in the Ganga Valley*. Delhi: Oxford University Press.